Japão

Tempo de resiliência e superação

Gutemberg Barone A. Nojosa*

EM 2011, o Japão foi literalmente estremecido por terremotos, tsunâmis, tufões, por crise nuclear e também sofreu com a guerra cambial. O dólar atingiu cerca de 76 ienes, nível similar ao do pós-guerra. O Japão precisou ter bastante resiliência para superar todos os desafios e adversidades de 2011. O país recuperou portos, aeroportos e partes do sistema de transporte rodoviário e ferroviário para manter a atividade econômica e o abastecimento das cidades no nordeste do país. No setor agrícola, o Japão priorizou o escoamento e o abastecimento de produtos. Agora, passado mais de um ano dos eventos que abalaram o país, a infraestrutura de transporte e logística de cargas está praticamente reconstruída, mas ainda há necessidade de reconstruir as cidades atingidas pelo tsunâmi. Toda a tecnologia disponível foi usada para dessalinização de solos inundados pelo tsunâmi, e o arroz já voltou a ser cultivado em áreas antes salinizadas. O país também busca desenvolver metodologias que acelerem a descontaminação de solos radioativos. O Japão refaz as contas do custo da reconstrução e segue trabalhando para recuperar os danos, inclusive os da crise cambial. Além disso, continua com o auxílio aos agricultores que foram atingidos pelos desastres de 2011.

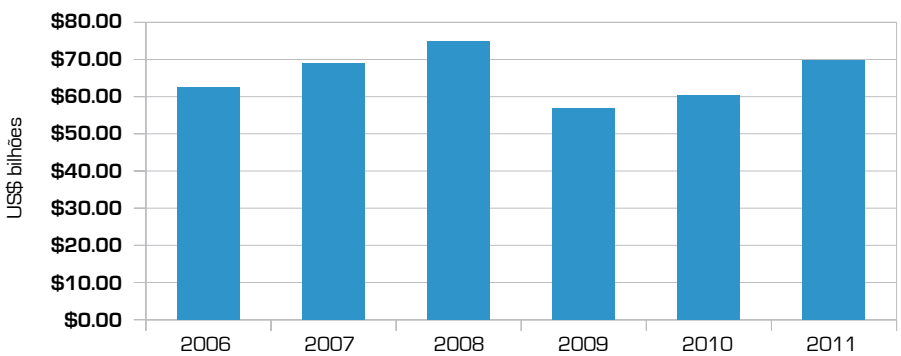
A meta de buscar a autossuficiência alimentar ou de pelo menos diminuir a dependência das importações agrícolas ficou mais complexa no cenário atual de crises e mudanças globais. O abastecimento do Japão em base calórica continua, em grande parte, dependente de importações. Devido ao grande terremoto de março de 2011, alguns analistas esperavam um aumento dos preços de alimentos. De fato, alguns preços aumentaram, mas, superadas as dificuldades iniciais de distribuição, o índice de preços de alimentos do Japão (CPI) em 2011 caiu 0,4%, principalmente devido aos preços de vegetais e ao uso de estoques.

A agricultura continua recebendo grande atenção dos políticos japoneses em função das negociações de acordos de livre comércio, dos Economic Partnership Agreements (EPAs) e do Transpacific Partnership (TPP). O setor agrícola japonês está mobilizado para tentar evitar o avanço dessas iniciativas, ou pelo menos conseguir que alguns produtos como arroz, carnes, leite e frutas sejam excluídos desses acordos. Além disso, no início de 2012, pela primeira vez os ministros da Agricultura do Japão, da China e Coreia do Sul se reuniram e iniciaram discussões de alto nível, buscando um acordo de livre comércio, abastecimento, segurança alimentar e prevenção de pragas e doenças.

Apesar de ter um dos maiores Produto Interno Bruto agrícola do mundo, o Japão segue como um dos maiores importadores mundiais de alimentos. O valor das importações da agricultura, floresta e pesca do Japão em 2011 superou em 13% o total importado em 2010, alcançando cerca de US$ 69 bilhões. Desde 2008, o Brasil se mantém como o sexto maior fornecedor de produtos agrícolas para o Japão, e, em 2011, sua participação alcançou 5% do total, com aumento de 30% em relação a 2010.

Os principais responsáveis pela manutenção da posição brasileira no *ranking* de fornecedores de alimentos para o Japão foram a carne de frango, o café, milho e a soja. O frango continua sendo o

Importações agrícolas do Japão (2006 a 2011)



Fonte: Ministério da Agricultura, Floresta e Pesca do Japão (MAFF)


SXC.HU

principal produto do agronegócio brasileiro exportado. As exportações brasileiras de carne de aves alcançaram cerca de US$ 1,4 bilhão em 2011, aumento de 33,6% em relação ao valor de 2010. Contudo, o Brasil tem perdido participação nos últimos anos e em 2011 teve 87% do volume importado pelo Japão. O Brasil e o Japão concluíram as negociações do Certificado Zoossanitário Internacional para carnes de aves, e agora há mais garantias no comércio desse produto entre os dois países. O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) fez um grande esforço para concluir essa negociação. Com o novo certificado, caso ocorra foco de gripe aviária no Brasil, apenas a área do foco será impedida de exportar para o Japão, e não todo o País, como ocorreria caso os requisitos não tivessem sido renegociados.

Em 2011, as importações japonesas de café alcançaram cerca de 175 bilhões de ienes (~US$ 2,2 bilhões). O Brasil forneceu 32,17% e continua como o maior fornecedor para o país asiático.

O milho é um exemplo do potencial do mercado japonês para o agronegócio brasileiro. Em 2006, as exportações de milho para o Japão eram praticamente nulas. Em 2010, esse cenário começou a mudar, e, em 2011, cooperativas japonesas enviaram missão ao Brasil para avaliação de risco de resíduos em milho. Após reuniões em Tóquio e no Mapa, além de visitas aos portos e a áreas de produção, os japoneses concluíram que nosso milho era seguro. Isso, aliado a problemas de safras em outros países, fez com que em 2011 o Japão importasse 887.861 toneladas de milho brasileiro, ou cerca de 23,39 bilhões de ienes (~US$ 292,4 milhões), valor praticamente igual ao que o Brasil exportou em soja para o Japão (23,51 bilhões de ienes). Considerando o valor total das importações japonesas de milho, o Brasil passou a ser o segundo maior fornecedor do produto, com participação de 5,48% nas importações japonesas e aumento de 75,35% em relação a 2010. O primeiro colocado continua sendo os Estados Unidos, com 90% de participação nas importações japonesas do grão.

Outro produto para o qual o Japão pode representar grande oportunidade é a carne suína. O Japão segue como um dos principais mercados de carne suína, com cerca de 1,6 milhão de toneladas comercializadas, valor 5,3% superior ao de 2010. O mercado doméstico foi responsável por 53%, e o restante corresponde a importações. O Brasil continua negociando a abertura do mercado de carne suína com o Japão.

Excluindo alguns setores específicos como o de aves e o de café, o mercado japonês de alimentos continua sendo um desafio para a maioria dos outros setores do agronegócio brasileiro. Nesses quase dois anos no Japão, tive a oportunidade de notar que muitos produtos brasileiros ainda são desconhecidos dos japoneses ou têm uma presença muito pequena no mercado local. É notória a ausência de polpas de frutas, castanhas, vinhos, espumantes e outros produtos brasileiros processados no mercado japonês. Em parte isso se deve à falta de conhecimento das necessidades e características do mercado japonês. O consumidor japonês tem um paladar específico e é ávido por produtos com rótulos informativos, coloridos, e sempre deseja um produto customizado ou que se apresente como novidade saudável. É importante conhecer o que faz um produto diferente e o motivo para se consumir ou experimentar algo novo. Essas diferenças precisam ser respeitadas caso as empresas brasileiras desejem conquistar o paladar e mercado japonês.

De forma muito simplista, seria possível dizer que em 2011 o Brasil deixou de competir por cerca de US$ 10,7 bilhões nas importações agrícolas do Japão. Esse foi o valor importado em carnes suína, bovina, frutas frescas e secas. Esses são mercados fechados ou nos quais o Brasil tem pequena participação. Contudo, posso dizer que em quase dois anos de trabalho ocorreram importantes avanços na consolidação da posição brasileira como um dos fornecedores de alimentos para o Japão. As barreiras para o café e carnes processadas diminuíram e continuam sendo negociadas na busca da eliminação. Novas oportunidades de fluxo de comércio se concretizaram, como é o caso do milho, e as negociações de carne suína estão avançando. ■

Este artigo reflete a opinião do autor e não da instituição que representa.

*Engenheiro Agrônomo, Fiscal Federal Agropecuário, Adido Agrícola na Embaixada do Brasil em Tóquio – Japão, Mapa

**Todos os valores em US$ foram convertidos utilizando a cotação de US$ 1 = 80 ienes.